

Capitalismo e Educação: Ponto para Reflexão

Educação, uma palavra que traz no seu bojo uma forte relação do poder que se estrutura nas sociedades. Sabemos nós, os educadores e as educadoras, o papel da educação no actual contexto global? A nossa prática pedagógica corrobora com o contexto e a fomentação do capitalismo? É interessante pensarmos como a escola influencia nossas vidas. Na Grécia antiga as meninas não recebiam qualquer educação formal mas aprendiam os ofícios domésticos e os trabalhos manuais com as mães. O principal objectivo da educação grega era preparar o menino para ser um bom cidadão. Os gregos antigos não contavam com uma educação técnica para preparar os estudantes para uma profissão ou negócio. Se visualizarmos um outro paradigma social, percebemos uma outra perspectiva de educação. Quando a burguesia se apropria do poder no final do século XVIII, a educação ganha um outro espaço, a escola na qual ocorre a escolarização.

Portanto, se reflectirmos sobre o contexto histórico da época, saberemos porque há uma necessidade da nova formatação educacional (escolarização). No período do feudalismo, a estrutura se constituía de feudos e num determinado período emerge uma produção capitalista nas cidades independentes na sociedade feudal, onde se desenvolve a chamada produção de mercadoria. Enquanto a produção é limitada, a estrutura feudal não impede que as relações capitalistas de produção se desenvolvam. Mas, quando a manufatura ganha forças de produção numa escala ampla, a estrutura feudal torna-se um entrave para o seu processo de desenvolvimento. Portanto, é preciso destruir a classe feudal para que o capitalismo avance. Mas como a então sociedade feudal também tinha sua classe oprimida, os servos, estes não serviam para atender as necessidades do capitalismo. A produção capitalista precisava de trabalhadores livres que produzissem em troca de dinheiro e que se deslocassem para os locais necessários aos em que os capitalistas.

Então, a nova classe progressista, a burguesia, avança com as emergentes formas de produção de capital, impõe as novas bases de relações sociais: a burguesia e o proletariado. Não bastava, portanto, destituir o modo de produção feudal, era preciso criar mecanismos para sedimentar o paradigma social que acabará de emergir. A escola é um dos mecanismos para a fomentação deste novo ideal social e precisa formar trabalhadores para atender às necessidades do capital.

Da então fase emergente da burguesia até os dias actuais tivemos algumas configurações do capitalismo e este sempre se aproveitou da escola para atender às suas necessidades. No século XX, mais precisamente entre 1973 e 1975, o mesmo sofre uma reestruturação. *“A rigidez do fordismo e sua linha de montagem são substituídas pelo novo modelo de produção, baseados na flexibilidade e em redes (?). A produção de bens de consumo e matérias duráveis são substituídas pela produção de serviços ? pessoais, comerciais e educacionais(?)”*. (Harvey, 1992).

O chamado Estado-Nação é agora responsável para difundir uma nova lógica de mercado no qual as políticas educativas são tão fundamentais que inclusivamente são discutidas em esferas que não nos Estados-Nação, mas nas instituições supranacionais como: **BIRD, OMC, Banco Mundial**, ou nos blocos regionais como a **União Europeia**. São essas instituições, com o seu poderio económico, que ditam as normas das políticas educativas que nós educadores e educadoras em nossa prática pedagógica difundimos. E será que devemos perpetuar essa lógica de mercado? Estamos presos a uma teia sócio económica que nos impede de contrariar este sistema educacional que agora vigora? *“2,8 bilhões de pessoas vivem com menos de 2 dólares por dia, mais de 45% da população do mundo”*. (Stiglitz, 2002, p. 25)

Será que educar para a manutenção do capitalismo reflecte nesses números acima citados? Pensemos!